



O Ouro dessa terra é bom: minérios na literatura bíblica *Nancy Pereira Cardoso*

Há poucas referências bíblicas sobre as fontes e extração destes metais (ORR, 1915). O Gênesis 4, 22 identifica Tubal Cain (personificação dos quenitas?), filho de Lamech e Zilah, como o “inventor” da metalurgia. Esta identificação aparece no âmbito da primeira cidade e fora do espaço geográfico de Canaan.

O texto de Deuteronômio 8, 9 - “uma terra cujas pedras são de ferro” - dificilmente pode se referir à existência de minas na Palestina; a região pode ser desconsiderada como área de acesso e extração de metais. Encontra-se vestígios de extração minério de ferro no norte do Líbano, mas em quantidade inexpressiva. Há também um pouco de minério de cobre (Calcopirita, malaquita, azurite) nesta região.

No norte do Líbano e da Síria existem abundantes jazidas de cobre referidos no Tell el-Amarna como também na península do Sinai com jazidas de cobre, chumbo, ouro e prata controladas pelos egípcios. Os achados arqueológicos viabilizam informações a partir das paredes das minas com inscrições sobre seus métodos de mineração e as condições de vida dos trabalhadores.

Tarshish é mencionado (Ezequiel 27, 12) como uma fonte de prata, ferro, estanho e chumbo. Este nome pode pertencer ao sul de Espanha. Os metais utilizados na região e produção controladas pelos fenícios. Havilah (Gênesis 2, 11), Ofir (1 Reis 10, 11), Sabá (Salmo 72, 15) são citados como fontes de ouro. Estes nomes provavelmente se referem a regiões da Arábia. (ROTHENBERG, 2003).

A possibilidade do controle dos reis Davi e Salomão das minas de minério no sul de Israel e na Transjordânia é motivo de discussão. (ISRAEL FAXX, 2008).

Como se sabe, a Palestina era região de produção agrícola e sempre esteve na periferia das grandes inovações tecnológicas.

Os edomitas contavam com ricos recursos minerais e se tornaram mestres das artes da metalurgia. O Wadi Arabá ao sul do Mar Morto é coberto com restos de cobre antigos que revelam a extensão das atividades de mineração. (MAQSOOD, 1994) Também os filisteus na costa do Mediterrâneo tinham o monopólio do ferro. Os israelitas não tinham conhecimentos metalúrgicos nem acesso fácil aos minérios o que os deixavam em uma séria desvantagem:

Ora em toda a terra de Israel nem um ferreiro se achava, porque os filisteus tinham dito: para que os hebreus não façam espada nem lança. Pelo que todo o Israel tinha que descer aos filisteus para amolar a relha do seu arado... (1 Samuel 13, 19-20).

As rotas comerciais que atravessavam a região é o que criavam condições de acesso da população local a ferramentas, armamentos e objetos de metal garantindo que o imaginário dos metais estivesse presente na literatura Bíblica de um modo geral.

O texto de Jó 28, 1-6 apresenta uma bela descrição sobre as qualidades e processos de trabalho com mineração:

Na verdade, há veios de onde se extrai a prata, e lugar onde se refina o ouro. O ferro tira-se da terra, e da pedra se funde o cobre. Ele põe fim às trevas, e toda a extremidade ele esquadrinha, a pedra da escuridão e a da sombra da morte. Abre um poço de mina longe dos homens, em lugares esquecidos do pé; ficando pendentes longe dos homens, oscilam de um lado para outro. Da terra procede o pão, mas por baixo é revolvida como por fogo. As suas pedras são o lugar da safira, e tem pó de ouro.

O texto de Jó 28 aproxima o trabalho da mineração com o processo de busca da sabedoria não somente como uma imagem desprovida de relação com a materialidade do processo de trabalho, mas também como aproximação cuidadosa de processos que compartilham a estrutura do poder e a capacidade de controlar o conhecimento.

No poema, é a mão do homem que, estendida contra o rochedo, abre canais nas pedras e "os seus olhos veem tudo o que há de mais precioso... traz à luz o que estava escondido". (v. 9-10). Uma abordagem superficial trabalharia com uma simples comparação externa entre a atividade de buscar minério e o processo de sabedoria, mas uma perspectiva que garanta a pertença das materialidades como vitais para a interpretação apontam para possibilidades econômicas e ecológicas na interpretação do texto. (WOLDE, 2003).

A continuação do poema vai fazer o contraponto entre a sabedoria e o poder do minério, contrapondo lógicas a partir da noção de valor:

Mas onde se achará sabedoria? O homem não conhece o valor dela... não se dá por ela ouro fino, nem se pesa prata em câmbio dela. O seu valor não se pode avaliar pelo ouro de Ofir, nem pelo precioso ônix, nem pela safira... (Jó 28, 12ss).

O texto de Jó também faz o enfrentamento da lógica de poder que controla a tecnologia dos minérios a partir, porém, da teologia sapiencial. O que está em discussão é a atribuição do valor, as materialidades de valor que criam um *continuum* na forma do poder. O controle ecogeográfico, o controle das formas de trabalho e tecnologia criam as condições objetivas para os impérios e suas políticas de dominação. A denúncia teológica destas formas políticas e econômicas pode se estruturar a partir do poema como no texto de Jó ou da apocalíptica de Daniel.

O que não pode faltar são pedras e atiradores de pedras (homens e mulheres). É aqui que voltamos para o texto de Daniel 2: com uma pedra na mão e uma boa pontaria.

Nisso uma mulher lançou a pedra superior de um moinho sobre a cabeça de Abimeleque, e quebrou-lhe o crânio. (Juízes 9, 53)

Texto gentilmente cedido pelo CEBI - publicados no Informativo Por Trás da Palavra n° 215 de julho-agosto de 2016. Visite o site (www.cebi.org.br)